

Martin Amis

Dinheiro

Um Bilhete de Suicídio

Tradução de Jorge Pereirinha Pires



QUETZAL série serpente emplumada | Martin Amis



QUANDO O MEU TÁXI SAIU DA FDR DRIVE, algures junto às primeiras ruas Cem, um *Tomahawk* rebaixado cheio de fulanos negros saiu a ziguezaguear da faixa e atravessou-se velozmente mesmo à nossa proa. Derrapámos, e batemos numa lombra funda ou numa eriçada aresta que estava na estrada: com o som de um tiro de espingarda o tejadilho do táxi veio abaixo e acertou-me no alto da cabeça. Disso é que eu realmente não precisava, digo-te, já que de qualquer forma a minha cabeça, cara, costas e coração doem-me sempre imenso, e eu ainda vinha bêbedo e tresloucado e assarapantado do avião.

— Ena pá — disse eu.

— Pois — disse o taxista por detrás do plástico despedaçado da sua divisória. — C'um caraças.

O meu taxista tinha uns quarenta anos, era magro, cabelo ralo. O cabelo que restava tombava-lhe comprido e húmido pelo pescoço e os ombros. Para o passageiro, os taxistas citadinos não são mais do que isso — loucos pescoços, loucas melenas. Este louco pescoço estava explosivamente picado e mosqueado, com um luzimento de virulência adolescente na saliência carmim das orelhas. Estava ali recostado no seu canto, as longas mãos frouxamente pousadas sobre o volante.

— Bastava aí uns cem gajos, uns cem gajos como eu — disse ele, atirando a voz para trás —, eliminavam-se todos os pretos e os porto-riquenhos nesta merda desta cidade.

Ouvi-o, ali no meu assento. Devido a esta nova doença que eu tenho chamada tinite, ultimamente os meus ouvidos começaram a ouvir coisas, coisas que não são estritamente auditivas. Descolagens de jatos, vidros a partirem-se,

gelo raspado do tabuleiro. Acontece sobretudo de manhã, mas noutras alturas também. Aconteceu-me no avião, por exemplo, ou pelo menos eu pensei que aconteceu.

— O quê? — gritei eu. — Cem gajos? Isso não são muitos gajos.

— Nós conseguíamos. Com uns caga-lumes como deve ser, conseguíamos.

— Caga-lumes?

— Caga-lumes, pois. Calibre cinquenta e seis. Automáticas.

Recostei-me para trás e cocei a cabeça. Tinha passado duas horas na Imigração, raios os partam. Tenho este antitalento para as filas. Tu sabes como é. Oh, oh, oh, penso eu, enquanto vou conseguindo abrir caminho com o ombro e aos encontrões até ao fim da fila mais curta. Mas a fila mais curta é a fila mais curta por um interessante motivo. As pessoas que estão à minha frente são todas venusianas, pterodáctilos, homens e mulheres de um fluxo temporal alternativo. Todos eles foram vivisseccionados e enfiados em sacos para cadáveres por aquele sisudo fulano de 150 quilos dentro da sua caixa de vidro iluminada. «Negócios ou prazer?», acabou por me perguntar esse tal fulano. «Espero que sejam apenas negócios», disse-lhe eu, e com sinceridade. Com os negócios normalmente dou-me bem. É o prazer que me mete em todos estes sarilhos dispendiosos... Seguidamente uma meia hora na alfândega, e outra meia até eu arrematar este táxi — pois, e o maníaco do costume a soltar piadas e dichotes atrás do seu volante. Já conduzi em Nova Iorque. Cinco quarteirões, e fica-se reduzido a lágrimas de bárbara náusea. O que acontece portanto a estes atávicos que eles contratam para o fazerem o dia inteiro a troco de dinheiro? Experimenta. Eu disse-lhe:

— Porque é que se haveria de querer fazer uma coisa dessas?

— Hã?

— Matar todos os pretos e os porto-riquenhos?

— Eles pensam, sabe como é, que quem anda a conduzir um táxi amarelo — disse-me ele, e levantou do volante uma mão frouxa e aberta —, deve ser uma espécie de mete-nojo.

Suspirei e inclinei-me para diante. — Sabe uma coisa? — perguntei-lhe. — Você é *mesmo* um mete-nojo. Eu pensava que isso fosse apenas um palavrão até você ter aparecido. É o primeiro mete-nojo autêntico que eu conheço.

Encostámos. Erguendo-se no seu assento ele virou-se para mim gradualmente. O rosto dele era muito mais maldoso, apetitoso, em geral mais útil do que eu contara que fosse — cheio de verrugas e efeminado com olhos brilhantes e lábios afetados, como se houvesse um outro rosto, o rosto autêntico, por detrás da sua máscara de pele.

— Pronto. Saia do carro. Já lhe disse para sair da merda do carro!

— Está bem, está bem — disse-lhe eu, e empurrei a minha mala ao longo do assento.

— Vinte e dois dólares — disse ele. — Está ali, no *taxímetro*.

— Eu não lhe vou dar nada, seu mete-nojo.

Sem nenhuma alteração no ângulo do seu olhar ele enfiou a mão por baixo do painel de instrumentos e puxou o trinco especial. Todas as quatro fechaduras das portas se trancaram com um som de oleosa plenitude.

— Ouça cá, ó seu gordo cabrão — começou ele. — Isto aqui é o cruzamento da Noventa e Nove e da Segunda. O dinheiro. Dê-me o dinheiro. — Ele disse que me levava no carro até vinte quarteirões mais acima, e me corria a pontapé para o meio da rua, ali mesmo. Ele disse que quando os pretos acabassem o serviço, não restaria de mim mais do que uma mão-cheia de cabelos e de dentes.

Eu trazia umas notas no bolso de trás, da minha última viagem. Passei-lhe uma de vinte através da divisória manchada. Ele soltou as trancas e eu saltei lá para fora. Nada mais havia a dizer.

Por isso aqui estou eu agora com a minha mala, entre luz contundente e chuva de ilha. Atrás de mim avultam água acumulada e a cintura industrial da FDR Drive... Já devem ser quase oito horas agora mas o choroso fôlego do dia ainda defende o seu brilho, um brilho de sarjeta, muito miserável — sobre o qual choveu, sobre o qual houve vazamentos. Do lado de lá da rua suja três miúdos negros estão escarrapachados na entrada de uma loja de bebidas já defunta. Eu porém sou grande, sim eu sou um sacana dos grandes, e eles parecem demasiado deprimidos para virem meter-se comigo. Bebo um atrevido trago da minha garrafa de meio litro trazida do *duty-free*. Já passa da meia-noite, pela minha hora. Meu Deus, detesto este filme. E ainda agora está a começar.

Procurei táxis, e não vinham táxis nenhuns. Eu estava na Primeira, não na Segunda, e a Primeira fica na parte de cima da cidade. Todos os táxis iriam na direção oposta, safando-se dali pelo cruzamento da Segunda com a Lex. Em Nova Iorque há meio minuto e já estou a calcorrear a linha, a longa caminhada pela Rua Noventa e Nove abaixo.

Sabes, há um mês eu não teria feito isto. Nessa altura não o teria feito. Andava então a evitar. Agora limito-me a esperar. As coisas acontecem-me. É isso. Basta-lhes ir em frente e acontecerem. Vê só — espera... A inflação, dizem eles, anda a limpar esta cidade. A massa anda a enrolar as suas mangas e a dar uma

esfrega ao sítio. Mas continuam a acontecer coisas por aqui. Sai-se do avião, olha-se em redor, respira-se fundo — e recupera-se os sentidos em roupa interior, algures a sul do SoHo, ou numa marquesa de tração do centro da cidade com um tabuleiro prateado e uma fatura com enfeites em cima do peito e um fulano vestido de branco a dizer: «muito bom dia. Como está hoje o senhor? São quinze mil dólares...» As coisas continuam a acontecer por aqui e algo está à espera de me acontecer a mim. Eu sei. Recentemente a minha vida parece uma anedota aterradora. Recentemente a minha vida adquiriu *forma*. Algo está à espera. Eu estou à espera. Dentro em pouco, cessará a espera — num dia qualquer. Coisas horríveis podem acontecer a qualquer momento. O que é horrível é isso.

O medo anda de cabeça erguida neste planeta. O medo anda grande e gordo e belo. O medo lançou realmente um enguiço sobre todos nós cá em baixo. Oh é verdade, pá. Mana, não te iludas... Num dia destes hei de ir direito ao medo. Hei de ir direito a ele. Alguém tem de fazê-lo. Hei de ir direito a ele e dizer: *Olha lá, ó entesado. Para com isso. Já andas a implicar connosco há demasiado tempo. Acabou-se. Lá para fora.* Os rufias, dizem-me, lá bem no fundo são todos cobardes. O medo é um rufia, mas algo me diz que o medo não é medricas. O medo, suspeito eu, é na verdade incrivelmente valente. O medo levar-me-á a sair logo pela porta, postar-me-á no beco entre os caixotes e as garrafas vazias, e mostrar-me-á quem é que manda... Poderei perder um ou dois dentes, suponho eu, ou ele poderá até partir-me o braço — ou foder-me o olho! O medo poderá entusiasmar-se, como já vi acontecer, puro dano, sem que nada importe. Talvez eu precisasse de uma equipa, ou de uma ferramenta, ou de um compensador. Agora que penso nisso, talvez fosse melhor eu deixar o medo em paz. Quando se trata de lutar, eu sou valente — ou irrequieto ou indiferente ou simplesmente injusto. Mas o medo realmente assusta-me. Ele é demasiado bom a lutar, e em todo o caso estou demasiado assustado.

Caminhei para ocidente durante um quarteirão, a seguir virei para sul. Na Rua Noventa e Seis sequestrei um táxi nos semáforos — limitei-me a abrir a porta de repente e a atirar a minha mala para cima do assento. O taxista virou-se para trás: e os nossos olhares cruzaram-se horrivelmente. — Para o Ashbery — disse-lhe eu, pela segunda vez. — Na Quarenta e Cinco. — Ele levou-me lá. Dei ao fulano os dois dólares que lhe devia, e mais um par deles. O dinheiro trocou de mãos muito eloquentemente.

— Obrigado, amigo — disse ele.

— Não tem de quê — disse-lhe. — *Eu* é que agradeço.

Estou sentado na cama do meu quarto de hotel. O quarto é ótimo, ótimo. Absolutamente nada a reclamar. Excelente relação qualidade-preço.

A dor na minha cara dividiu-se em duas mas dói mais ou menos o mesmo. Agora há certamente um inchaço no meu maxilar, no meu lado ocidental superior. É uma merda de um abscesso ou algo assim, talvez uma coisa do nervo ou alguma treta na gengiva. Oh, céus, suponho que vou ter de tratar disto. O médico da boca que eu escolho dá uma saltada até lá. Estes meus dentes de crocodilo, estes dentes ingleses — são praticamente tão bons, acho eu, como os do típico cadáver americano. Vão-me custar dinheiro, além disso. Tem de se pagar à grande por todas essas coisas aqui, como tu já sabes, como eu já disse. Antes de mais temos de dizer a nós mesmos que o céu é o limite. Todas aquelas pessoas na rua, todos aqueles figurantes e intérpretes de pequenos papéis, todos eles custam bom dinheiro a manter na estrada. Há taxímetros, relógios de dinheiro, nas ambulâncias desta cidade: é com esse tipo de sítio que eu estou a lidar. Consigo sentir uma outra dor a estabelecer negócio nas vertentes dos meus olhos. Então olá, e bem-vinda.

Estou a beber uísque isento de impostos por uma caneca para a dentadura, e à escuta, para ver se continuo a ouvir coisas. As manhãs são o pior. Esta manhã foi a pior de todas até agora. Ouvi fugas em computador, sessões de improviso japonesas, didjeridus. Que anda a minha cabeça a fazer? Gostaria de ter alguma ideia acerca do que ela terá em mente para mim. Quero telefonar agora mesmo a Selina e dar-lhe um pedaço dela, um pedaço da minha mente. Por lá é uma da manhã. Mas também é uma da manhã por cá, pelo menos na minha cabeça. E Selina seria um grande desafio para mim, com a minha cabeça como está... Ora eu tenho de lidar com mais um serão. Não quero ter de lidar com mais um serão. Já tive um, em Inglaterra e no avião. Não preciso de mais um serão. Alec Llewellyn deve-me dinheiro. Selina Street deve-me dinheiro. Barry Self deve-me dinheiro. Vejo que lá fora a noite aconteceu rapidamente. Bah — agora calma. As luzes não parecem de todo fixas ou estáveis, lá no alto do céu nebuloso.

Refrescado por um breve desfalecimento, pus-me em pé e entrei na porta ao lado. O espelho ficou a olhar, deveras pouco impressionado, enquanto eu completava uma série de reflexões na claridade alugada do lavabo sem janelas. Lavei os dentes, penteiei a guedelha, aparei as unhas, dei banho aos olhos, gorgojei, tomei duche, barbeei-me, mudei de roupa — e continuei com um aspeto

de merda. Caramba, hoje em dia estou tão gordo. Digo-te, até me horrorizo comigo mesmo na banheira e na sanita. Sento-me ali caído naquela canga de boi como um manípulo de canalização, a esfalfada chaleira de um velho vagabundo arruinado. Como aconteceu isso? Não pode ser só de toda a bebida e comida rápida que eu enfardo. Não, eu devo ter sido fadado para isto desde há muito. O meu pai não é gordo. A minha mãe também o não era. Que problema é este? O dinheiro poderá resolvê-lo? Preciso que todo o meu corpo seja perfurado e reparado, substituído. Preciso de pôr umas coroas no meu corpo, é disso que eu preciso. É isso que farei, aliás, logo que puser as mãos no dinheiro.

Selina, minha Selina, aquela Selina Street... Alguém me contou hoje um dos terríveis segredos dela. Não quero falar disso por enquanto. Hei de contar-to mais tarde. Primeiro quero ir sair e beber mais e ficar bastante mais cansado.

As portas de mola abriram-se e eu cambaleei para a madeira de teca e os brilhos do átrio. Homens uniformizados postavam-se impassivelmente como sentinelas na sua trincheira. Bati com a minha chave sobre o balcão da receção e fiz um grave aceno de cabeça. Estava suficientemente grosso para ser incapaz de perceber se eles conseguiam perceber que eu estava grosso. Importar-se-iam com isso? Eu estava certamente demasiado grosso para me importar. Desloquei-me para a porta com uns passos rudes, de ombros pesados.

— Senhor Self?

— O próprio — disse eu. — Sim?

— Oh, caro senhor. Houve um telefonema para si hoje à tarde. Caduta Massi?... Tratar-se-á *da* Caduta Massi?

— A própria. Ela... alguma mensagem ou coisa assim?

— Não, senhor. Nenhuma mensagem.

— Então está bem. Obrigado.

— Mm-hm.

Caminhei portanto para sul pela oblíqua Broadway. Que merda é aquela do *mm-hm*? Passeei-me entre génios comedores de carne com hálito de metropolitano. Ouvi o áspero uivo de sirenas, os silvos dos que andam em duas rodas e em pranchas de *skate*, dos que saltitam em bastões de pogo, dos que empurram carretas, dos das pranchas à vela. Vi os velozes carros e táxis, impelidos pela força das suas buzinas. Senti toda a contenda, a democracia, todos os itálicos, no ar. Estas são pessoas determinadas a serem elas próprias, haja o que houver, pouco dadas à vergonha. Destacando-se da fileira dos que arrastavam os pés e dos indolentes, dos mirones, dos mendigos, um grande gritador louro

agitava-se à beira do passeio, invetivando todo o trânsito. O cabelo dele era daquele amarelo especial e louco, como uma omeleta, uma omeleta de guedelha. Enquanto abanava os braços balbuciava à toa acerca de fraude e traição, redundância, evicção. — O dinheiro é meu e eu quero-o! — berrava ele. — Quero o meu dinheiro e quero-o já! — A cidade está cheia de fulanos destes, destes fulanos e fulanas que berram e gritam e choram a sua má sorte a qualquer hora que seja. Li algures numa revista que são doentes crónicos dos manicómios municipais. Foram postos fora quando o dinheiro correu mal há uns dez anos... Ora aí está uma bela anedota, uma anedota global, inventada pelo dinheiro. Um árabe fecha a braguilha no redil das ovelhas, olha com satisfação para o outro lado da cerca e diz: «Olha lá, Basim. Vamos lá fazer subir o petróleo.» Dez anos mais tarde um grande homem branco faz rodopiar os braços na Broadway, para que todos vejam.

Entro num bar de *topless* na Quarenta e Quatro. Alguma vez foste a uma espelunca dessas? Eu sempre esperei uma espécie de residência da máfia policiada por criadas de quarto semidespidas. Não é assim. Têm apenas algumas miúdas em cuecas dançando numa rampa por detrás do balcão: sentamo-nos e bebemos enquanto elas fazem as suas cenas. Continuei a encomendar uísques, a 3,50 dólares cada um, e fui alagando com o licor o meu lado ocidental superior. Também comprimi o vidro frio contra a minha bochecha inchada. Isso ajuda, ou parece ajudar. Atenua.

Havia três raparigas a trabalhar na rampa, divididas ao longo da sua extensão espelhada. A rapariga que dançava de peito ao léu para meu benefício, e da figura ruiva e hermafrodita sentada a dois bancos de distância do meu lado direito, era baixa e tímida e tinha uma constituição de cachorrinha. Bom, vamos lá dar uma olhadela a isto. A pele dela mostrava-se pálida sob aquela luz, descolorando gravemente à vista, como se ela fosse dada a brotoejas, a alergias. Tinha umas grandes e lastimáveis mamas, enrugadas no meio, e um beiral de carne solta que lhe galgava pela orla superior das cuecas, as quais eram em tom azul-marinho e felpudas, como uns calções de ginástica. Sim, as alças superiores das mamas dela ostentavam suaves ameias, mais brancas ainda que o resto dela. Estrias aos vinte anos, aos dezanove: algo de errado aqui, a forma a mostrar fadiga, a mostrar erro, num estádio muito inicial. Ela sabia tudo isso, a minha rapariga. O seu rosto normal de maria-rapaz tentava exhibir o habitual esgar de extasiada autossuficiência e no entanto estava cheio de desassossego — desassossego do corpo, não a outra vergonha. Se queres a minha reputada opinião, esta miúda não tinha futuro nenhum no negócio do *gogo*. No entanto, era ela a minha rapariga, pelo menos durante a próxima meia hora. As suas

duas rivais mais adiante na rampa pareciam ser muito mais do meu estilo, mas a minha cara palpitava com ar conhecedor sempre que me virava para elas. E tinha de pensar na minha rapariga, nos sentimentos dela em relação ao assunto. Estou contigo, miúda, não te preocupes. Para mim serves muito bem. Ela sorria na minha direção de vez em quando. O sorriso era muito desamparado e incerto. Sim, o sorriso era muito envergonhado. — Quer outro uísque escocês? — disse a patroa por detrás do balcão, a velha dama com o seu cabelo encerado e a sua voz roufenha. O maiô ou tutu que ela envergava era de uma inamistosa cor de castanho baço ou caramelo. Aquilo falava de suportes espinhais, de hérnias.

— Pois — disse eu, e comecei a fumar outro cigarro. A menos que te informe especificamente do contrário, estou sempre a fumar outro cigarro. Tratei da minha bochecha durante algum tempo com o copo. Murmurei e praguejei. Quando tornei a olhar para cima a minha rapariga desaparecera. No lugar dela estava a contorcer-se uma mexicana de um metro e oitenta com boca envolvente, uma belas mamas oleosas, e um sulco de pelos pretos na barriga que se prolongavam como um rasto de pólvora para dentro do acentuado coldre branco das suas cuecas. «Ora isto assim já é mais jeitoso, foda -se», pensei eu. Pela minha experiência fica-se a saber muito bem tudo o que é preciso saber-se acerca de uma mulher pela quantidade de tempo, de meditação e de dinheiro que ela investe nas suas cuecas. Veja-se a Selina. E estas cuecas evocavam autêntica sabedoria de cama. Ela dançava como um sonho húmido, viciosa e inane. O seu sorriso de dentes tortos ia para todo o lado e para lado nenhum. O rosto, o corpo, o movimento, todos muito seguros no seu desempenho, na sua arte, na sua pornografia.

— Quer oferecer uma bebida à Dawn?

Pus a minha cabeça ao nível. A velha dama por detrás do bar gesticulou negligentemente na direção do banco que estava ao meu lado, onde a Dawn estava efetivamente empoleirada — a Dawn, a minha rapariga, agora enfaixada num lanoso vestido de noite.

— Bom, e o que bebe a Dawn? — perguntei eu.

— Champanhe! — Um copo baixo contendo aquilo que parecia ser glucose com gelo foi pousado com fragor diante de mim. — Seis dólares!

— Seis dólares... — Alisei mais uma de vinte sobre a madeira húmida.

— Desculpe — disse a Dawn com uma piscadela de olho. Ela usou a vogal prolongada dos arredores, a vogal de quem vem de fora da cidade. — Não gosto de fazer esta parte. Não fica bem a uma rapariga.

— Não se preocupe.

— Como é que se chama?

— John — disse-lhe eu.

— O que é que você faz, John?

Oh, estou a perceber — uma conversa. Belo negócio. Há um milagre nu contorcendo-se a metro e meio do meu nariz, mas eu pago bom dinheiro para falar aqui com a Dawn no seu vestido de noite.

— Estou na pornografia — disse-lhe eu. — Até aos cabelos.

— Isso é interessante.

— Quer outro uísque escocês? — A bota velha, a tal reitora com a sua roupa interior terapêutica, pairou sobre nós com o meu troco.

— Porque não? — disse-lhe eu.

— Quer pagar outra bebida à Dawn?

— Porra. Sim, está bem... — faça lá isso.

— ... Você é inglês, John? — perguntou a minha rapariga, com profundo entendimento, como se isso desse resposta a imensas perguntas.

— Para lhe dizer a verdade, Dawn, estou meio americano e meio a dormir. Acabei de sair do avião, sabe?

— Também eu. Quero dizer, do autocarro. Ontem. Acabei de sair do autocarro.

— Vinda de onde, Dawn?

— Nova Jérсия.

— A sério? E onde em Nova Jérсия? Sabe, eu cresci...

— Quer outro uísque escocês?

Senti os meus ombros cederem. Virei-me devagar. Disse-lhe: — Quanto é que custa mantê-la longe de mim durante dez minutos? Diga qualquer coisa — pedi-lhe eu. Mas disse-lhe bastante mais. Ela manteve-se onde estava, a tal velha dama. Tinha experiência. Mostrei-lhe a minha cara toda, e é uma cara que normalmente consegue encará-las de cima, ampla e parda, cheia de arqueologia adolescente, de comida barata e de dinheiro sem préstimo, a cara de uma cobra gorda, ostentando todos os sinais dos seus pecados. Durante vários segundos também ela me mostrou a sua cara, em pleno, uma hirta apresentação dos olhos, que eram mais duros do que os meus, oh, muito mais duros. Com os seus pequenos punhos em cima do balcão inclinou-se para mim e disse:

— *Leroy!*

A música foi instantaneamente abafada. Vários perfis sarapintados se voltaram para mim. De mãos nas ancas, mais velha no silêncio, as mamas dela agora descontraídas, a bailarina morena baixou os olhos para mim com agastado desprezo.

— Ando à procura de coisas. — Isto era a Dawn. — Estou mesmo interessada na pornografia.

— Não, não está — disse-lhe eu. E a pornografia também não está interessada... Está tudo bem, Leroy! Tem calma, Leroy. Não há problema nenhum, pá. Vou-me embora. Tome lá dinheiro. Dawn, veja se cuida de si.

Deslizei até ficar em pé e não encontrei equilíbrio. O banco balouçou redondamente sobre a sua base, como uma moeda. Acenei para as mulheres que observavam — vejam lá se param de olhar — e efetuei a minha diagonal até à porta.

Lá fora oferecia-se de tudo. Burlesco masculino, duches assistidos, sexo ao vivo, um império pornográfico do tipo nós-nunca-fechamos a eriçar-se na sua estática. Até tinham por lá a coisa a sério, em forma de prostituta. Mas eu não andava às compras, nesta noite não. Regressei a pé até ao hotel, *sem incidentes*. Não aconteceu nada. Nunca acontece, mas há de acontecer. A porta giratória empurrou-me para dentro do átrio e o rececionista baloiçou-se dentro da sua paliçada. — Olá — disse-me ele. — Hoje à noite, enquanto o senhor saiu, telefonou o senhor Lorne Guyland.

Com finura, ofereceu-me a minha chave.

— Terá sido o autêntico Lorne Guyland, senhor?

— Oh, eu não diria tanto — disse-lhe eu, ou talvez o tenha somente pensado. O elevador chupou-me em direção ao céu. A minha cara continuava a doer bastante o tempo todo. Chegado ao meu quarto, peguei na garrafa e afundei-me na cama. Enquanto aguardava a chegada dos ruídos pensei em viajar pelo ar e pelo tempo, e em Selina... Sim, agora já posso pôr-te a par disso. Talvez venha até a sentir-me um pouco melhor, quando to contar, quando isso vier cá para fora. Ao princípio do dia de hoje — de hoje? Caramba, parece que foi na infância — o Alec Llewellyn conduziu-me até ao aeroporto de Heathrow ao volante do meu potente *Fiasco*. Ficou com o carro emprestado enquanto eu estou por fora, aquele mentiroso. Eu estava toldado com bebida e tranquilizantes, para o avião. Tenho medo de voar. Também tenho medo de aterrar. Não falámos muito. Ele deve-me dinheiro... Juntámo-nos à longa fila para a espera. Algo em mim ansiava que o voo estivesse cheio. Não estava. Do computador que fazia tiquetaque lá brotou o meu assento. — Mas é melhor apressar-se — disse a rapariga. Alec correu ao meu lado até ao controlo de passaportes. Despen-teou-me a guedelha e fez-me passar por lá.

— Ouve lá, John — chamou ele do outro lado da cancela. — Ouve lá, ó vi-ciado! — Ao lado dele um velho parou a acenar para alguém que eu não con-seguia ver.

— O que é?

— Chega aqui.

Fez-me sinal para que me aproximasse. Cheguei junto dele arfando.

— O que é?

— A Selina. Ela anda a foder com mais alguém... imenso, o tempo todo.

— Oh, és um *mentiroso*. — E julgo que até lhe dei uma fatigada palmada na cara. Alec está sempre a fazer coisas destas.

— Achei que devias saber — disse ele com ar ofendido. Sorriu. — Por trás, com uma perna alçada, com ela por cima. De todas as maneiras.

— Ah sim? Com quem? Tu és um mentiroso. Porque é que tu... com quem, com quem, com quem?

Mas ele não quis dizer-me. Disse apenas que aquilo já durava há algum tempo, e que era alguém que eu conhecia muito bem.

— *Tu* — disse-lhe eu, e virei-me, e corri...

Pronto. Não me sinto melhor. Não me sinto nada melhor. Agora estou a rebolar-me, para tentar adormecer. Londres está a acordar. E Selina também.

A distante efervescência ou assobio ou silvo na parte de trás da minha ca-beça está a recomçar, modulando-se lentamente, procurando a sua escala.

Ena pá, por vezes acordo e sinto-me como um gato atropelado.

Estás familiarizado com os aspetos estoicos da bebedeira rija, da bebedeira pesada? Oh, é pesada. Oh, é rija. Não é nada fácil. Porra, eu não queria fazer mal a mim mesmo. Eu só queria passar um bom bocado.

A doença que eu albergo chamada tinite — mais fiável e sobretudo mais barata do que qualquer telefonema de despertar — acordou-me prontamente às nove. A tinite acordou-me com uma nota de alta exasperação, como se estivesse a tentar acordar-me há horas. Permite que a minha língua seca se esticasse para verificar o inchaço no meu lado ocidental superior. Mais ou menos na mesma, mas mais mole. A minha garganta informou-me de que eu também estava com uma ressaca no focinho. O primeiro cigarro acenderia um rastilho de pólvora até ao coldre, ao arsenal no interior do meu peito. Apalpei os bolsos e em todo o caso acendi-o.

Dez minutos mais tarde saí daquela retrete de gatas, um pálido e muito pe-nitente crocodilo, verdadeiramente arrependido de todo aquele muco estagnan-te e daqueles detritos que fora emborcar na noite passada. Acabara de rebolar

até ficar deitado de costas e estava a desapertar a gravata e a desabotoar a camisa quando o telefone tocou.

— John? Lorne Guyland.

— Lorne! — disse eu. Porra, aquilo saiu-me mesmo num coaxar. — Como está?

— Bem — disse ele. — Eu estou bem, John. Como está você?

— Estou ótimo, ótimo.

— Ainda bem, John. John?

— Lorne?

— Há umas coisas que me preocupam, John.

— Fale-me delas, Lorne.

— Acontece que eu não sou um velho, John.

— Eu sei disso, Lorne.

— Estou em grande forma. Nunca estive melhor.

— Fico contente, Lorne.

— É por isso que eu não gosto que você diga que sou velho, John.

— Mas eu não digo isso, Lorne.

— Bom, está bem. Você *dá a entender isso*, John, e isso é, é, é praticamente o mesmo. Cá para mim. Você também *dá a entender* que eu não sou muito ativo sexualmente e não consigo satisfazer as minhas mulheres. Só que isso não é verdade, John.

— Estou certo de que não é verdade, Lorne.

— Então porque dá isso a entender? John, eu acho que devíamos encontrar-nos e falar destas coisas. Detesto falar ao telefone.

— Com certeza. Quando?

— Sou um homem muito ocupado, John.

— Eu respeito isso, Lorne.

— Não deve estar à espera de que eu largue tudo, só para, só para ir ter consigo, John.

— Claro que não, Lorne.

— Eu tenho uma vida muito preenchida, John. Preenchida e ativa. Superativa, John. Às seis estou no ginásio. Quando o meu programa chega ao fim vou para o tapete com o meu instrutor de judo. Durante a tarde trabalho com os pesos. Quando estou em casa é golfe, ténis, esquí aquático, mergulho, raquete-bol e polo. Sabe, John, por vezes vou só até à praia e corro como um garoto. As miúdas, estas miúdas que eu tenho em casa, ralham comigo quando chego tarde, John, como se eu fosse um rapazinho. Depois passo metade da noite acordado a fornicar. Ainda ontem...

Aquilo prosseguiu neste tom, juro por Deus, durante uma hora e meia. Ao fim de um bocado calei-me. Isto não tinha efeito algum sobre nada. Por isso acabei por sentar-me enquanto aquilo durou, fumando cigarros e passando realmente um mau bocado.

Quando aquilo acabou, tomei um trago de uísque escocês, limpei as lágrimas com um lenço de papel e liguei para o serviço de quartos lá em baixo. Pedi café. Quero dizer, por vezes temos de nos tratar com brandura.

— Café como? — foi a suspeitosa resposta.

Eu disse-lhe: com leite e açúcar. — De que tamanho são as cafeteiras?

— Dão para dois — disse-me ele.

— Quatro cafeteiras.

— Muito bem.

Recostei-me no catre com o meu desfiado e amplo caderno de endereços. Usando o bloco e o lápis postos à minha disposição, comecei a fazer uma lista de todos os locais onde poderia esperar encontrar a nómada Selina. Aquela Selina, anda sempre a circular. Pus-me a imaginar, por interesse, quanto me iriam custar esses telefonemas.

Despi-me e pus a água a correr para encher a banheira. Chegou então o impecável pacote negro com o meu tabuleiro. Fui atendê-lo, pus as minhas iniciais na conta e dei um dólar ao rapaz. Estava em boa forma, esse rapaz: tinha uma agradável agitação na sua passada e no seu sorriso. Fez uma careta inocente e farejou o ar.

Bastava-lhe olhar para mim — para o cinzeiro, a garrafa, as quatro cafeteiras, a minha cara e a minha barriga pousada como uma pedra sobre a faixa branca da toalha — bastava-lhe olhar para mim para ter basta certeza de que eu funciono com combustível pesado.

Há um cão acorrentado no íngreme saguão por baixo do meu quarto. Talentoso ladrador, ele ladra ressoantemente bem. Ouvi-o imenso enquanto estava ali sentado e o Lorne ia falando comigo. Os seus surtos de latidos a cada meia hora reverberam em monstruoso aviso pela extensão das paredes do desfiladeiro acima. Ele precisa daquela fúria inferior. Ele tem grandes responsabilidades — soa como se estivesse a guardar as portas do inferno. Os pulmões dele são insondáveis, a sua raiva de sabujo infernal é enorme. Ele precisa daqueles pulmões — para quê? Para os manter lá dentro, para os manter lá fora.

O melhor é eu contar-te tudo sobre a Selina — e depressa. Aquela grande cabra, o que é que eu ando a deixar que ela me faça?

Tal como muitas raparigas (acho eu), e especialmente aquelas da variedade pequena, acomodaticia, desviante, flexível, boa na cama, Selina vive a sua vida em incrementado temor de assalto, molestaçã e violaçã. O mundo já a violentou com bastante frequêcia no passado, e ela pensa que o mundo quer violentá-la de novo. Deitada entre os lençóis, ou encostada ao meu lado durante longas e ansiosas jornadas dentro do *Fiasco*, ou sentada do outro lado da mesa entre os fundos sedimentos de jantares de alto coturno, Selina refrescou-me frequentemente com histórias de insulto e violaçã dos seus anos de infância e de adolescência — um tarado com hálito almiscarado que oferecia caramelos no jardim, os interrogatórios no barracã das ferramentas pelos guardas do parque ensopados em suor, um qualquer atrasado mental que se arrastava pelo beco ou pela ruela, até aos fotógrafos narcisistas e aos priápicos assistentes de adereços que costumavam atirar-se a ela no emprego, e agora os *punks* carrancudos, os trogloditas do futebol e os engatatões da paragem do autocarro que se alinham com malevolência nas ruas e que mais ou menos constantemente lhe beliscam o rabo ou lhe apalpam as mamas e em geral dizem sem rodeios as coisas que precisam de fazer... Deve ser um conhecimento fastidioso, a compreensão de que metade dos membros do Planeta, um a um, podem fazer o que muito bem lhes apetercer connosco.

E deve ser mais duro ainda numa rapariga como a Selina, cuja aparência, após muitas horas ao espelho, é um compromisso a meio por meio entre o pedantismo juvenil e a provocação grosseira. Além disso os gostos dela são estritamente do Centro da Cidade, com francas promessas de sabedoria bordélica e de roupa interior da mais cara. Já segui Selina pelo passeio, quando andamos às compras, digamos, e ela vai andando mais à frente, vestida com uns *jeans* rasgados e uma camisola desbotada pelas lavagens, ou um vestidinho pregueado que lhe fica pela altura das coxas arruivadas, ou um invólucro transparente de gaze, como um preservativo, ou um abreviado *uniforme escolar*... Os homens estremecem e olham, estremecem e olham. Vergam-se e fazem meia-volta para o outro lado. Fecham os olhos e agarram os tomates. E por vezes, ao verem-me aproximar por detrás da minha amiguinha e passar-lhe um braço ao redor da cintura esmerada e musculada, olham para mim como se dissessem: «Faz alguma coisa em relação a isso, está bem? Não a deixes andar por aí dessa maneira. Vá lá, a responsabilidade é tua.»

Já conversei com a Selina acerca do aspeto que ela tem. Já lhe chamei a atenção para as ligações íntimas entre a violaçã e o seu guarda-roupa estival. Ela ri-se disso. Parece ficar corada, agradada. Estou sempre a ter de lutar

pela honra dela nos *pubs* e nas festas. Ela é apalpada ou beliscada ou fazem-lhe uma proposta — e lá estou eu mais uma vez, erguendo fatigadamente os meus punhos com cicatrizes. Eu digo-lhe que é por ela andar por lá como se viesse de uma revista de nus. Ela também acha isso engraçado. Eu não entendo. Por vezes penso que Selina ficaria parada e quieta à frente de um camião com atrelado que viesse na sua direção, desde que o condutor nunca desviasse os olhos das mamas dela.

Além da violação, Selina tem medo de ratos, aranhas, cães, cogumelos venenosos, cancro, mastectomia, canecas rachadas, histórias de fantasmas, visões, maus presságios, leituras da sina, colunas astrológicas, águas profundas, incêndios, inundações, aftas, pobreza, relâmpagos, gravidez ectópica, ferrugem, hospitais, de conduzir, de nadar, de voar e de envelhecer. Tal como o seu gordo e pálido amante, ela jamais lê um livro. Já não tem nenhum emprego: não tem dinheiro nenhum. Ou tem vinte e nove anos ou trinta e um ou possivelmente uns meros trinta e três. Está a deixar tudo para muito tarde, e ela sabe-o. Terá de fazer a sua jogada, e terá de fazê-la em breve.

Eu não acredito no Alec, necessariamente, mas não vou acreditar na Selina, isso de certeza. Pela minha experiência, o que se passa com as raparigas é o seguinte — nunca se sabe. Não, nunca se sabe. Mesmo que efetivamente as apanhes, em flagrante — dobradas de cabeça para baixo em pleno ar por cima da cabeceira da cama, digamos, e a escovarem os dentes com a picha do teu melhor amigo — nunca se sabe. Ela há de negá-lo, com indignação. E também acreditará nisso. Ficará ali a segurar a picha, como um microfone, e a dizer-te que não é assim.

Eu tenho sido fiel a Selina Street desde há mais de um ano, raios partam. Tenho sim. Tento sempre não o ser, mas nunca resulta. Não consigo encontrar ninguém com quem lhe possa ser infiel. Elas não querem aquilo que eu tenho para oferecer. Querem compromisso e sinceridade e simpatia e confiança e todas as outras coisas de que eu pareço realmente carecer. Já passaram do ponto em que irão para a cama com alguém só porque sim. Selina também já passou desse ponto, desde há muito. Costumava ser conhecida como muito dada, é certo, mas agora tem de pensar na sua segurança futura. Tem de pensar no dinheiro. Ah, Selina, vá lá. Diz-me que não é assim.

Nessa manhã trabalhei que me fartei em cima da consola — pois, e a conta também foi grande. Ensurdido pela cafeína, eu era apenas um feroso robô, uma palpitante grelha de diferença horária, salto no tempo e ressaca. O telefone era por acaso uma antiguidade: um daqueles de disco. E os meus dedos já

estavam tão doridos e roídos que cada botão da camisa me parecera uma gota de solda derretida... A meio da sessão já eu estava a marcar os números com o meu mindinho esquerdo. — O número do quarto, por favor — dizia a telefonista no seu tom meloso, a cada vez, a cada vez. — Sou eu de novo — dizia-lhe e tornava a dizer-lhe eu. — Quarto 101. Eu. Sou *eu*.

Tentei primeiro o meu próprio número e repetidamente daí em diante. A Selina tem as chaves dela. Está sempre a entrar e a sair... Falei com Mandy e Debby, as umbrosas companheiras de apartamento de Selina. Telefonei para o antigo escritório dela. Telefonei para a escola de dança dela. Até telefonei para o ginecologista dela. Ninguém sabia onde ela estava. Numa via paralela vasculhei as ondas aéreas em busca do Alec Llewellyn. Falei com a esposa dele. Falei com três das suas namoradas. Falei com o agente de liberdade condicional dele. Sem sorte alguma. Bolas, com que belos pensamentos eu me entreteño, a quatro mil e quinhentos quilómetros de casa.

O cão ladrou. A minha cara parecia pequena e ignara entre as suas gordas orelhas vermelhas. Por um momento recostei-me e fiquei a olhar fixamente para o telefone. Ele manteve-se assim durante vários segundos, e a seguir tocou. E por isso eu naturalmente pensei *é ela* e estendi à pressa a mão para a minha rapariga.

— Sim?

— John Self? É Caduta Massi.

— Até que enfim — disse eu. — Caduta, é uma honra.

— John, é bom falar consigo. Mas antes de nos encontrarmos quero esclarecer umas coisas.

— Que tipo de coisas, Caduta?

— Por exemplo, quantos filhos pensa você que eu deveria ter?

— Bom, eu pensei apenas num.

— Não, John.

— Mais?

— Muitos mais.

Disse-lhe: — Quantos, mais ou menos?

— Eu penso que deveria ter muitos filhos, John.

— Bom, está bem. Claro. Porque não. Digamos o quê, mais uns dois ou três?

— Logo se verá — disse Caduta Massi. — Fico contente por você se mostrar aberto a isso, John. Obrigado.

— Esqueça.

— E mais uma coisa. Eu acho que deveria ter uma mãe, uma senhora de cabelos brancos com um vestido preto. Mas isso não é tão importante.

— Pode ser.

— E mais uma coisa. Você não acha que eu devia mudar o meu nome?

— Para qual, Caduta?

— Ainda não sei. Mas algo que fosse um pouco mais apropriado.

— Como quiser, Caduta... vamos encontrar-nos.

Depois disso pedi que me trouxessem uma pratada de coquetéis e canapés. O mesmo pacote negro entrou habilmente no quarto com as bandejas prateadas nas pontas dos dedos esticados. Como eu não tinha nada de mais pequeno, dei-lhe uma de cinco. Ele olhou para as bebidas e olhou para mim.

— Tome uma — disse-lhe eu, e peguei num copo.

Abanou a cabeça, disfarçando um sorriso, desviando o seu rosto expressivo.

— O que é? — disse-lhe eu tranquilamente, e bebi. — Ainda é cedo para si?

— Andou na farra ontem à noite? — perguntou ele. Não conseguia manter um ar sério por mais que uns segundos de cada vez.

— Como é que você se chama?

— Felix.

— Não, Felix — disse-lhe —, fiz tudo sozinho.

— ... Vai para a farra agora?

— Sim. Mas vou sozinho outra vez. Porra. Eu tenho problemas em que você nem iria acreditar. Estou num horário diferente do seu, Felix. Pela minha hora, já passa muito da hora de almoço.

Ele ergueu o seu queixo redondo e acenou ligeiramente com a cabeça.

— Basta-me olhar para si, homem — disse-me — e percebo logo que você *nunca* vai parar.

Não tentei mais nada nesse dia. Bebi a bebida e comi a paparoca. Barbeei-me. Bati uma punheta, intimamente estruturada em torno da minha última noite com Selina. Ou tentei. Não consigo lembrar-me de grande coisa acerca disso, e depois entraram por ali dentro uma série de fulanos durante o ato... Por isso eu e o meu dente dorido ficámos a latejar durante algumas horas de televisão — sentei-me para ali desconcertado e a resmungar como um fantasma aposentado, todo desgrenhado pelas suas recordações, entre desportos, telenovelas, anúncios, noticiários, o outro mundo. O melhor foi um programa de variedades apresentado por um artista veterano, alguém que já passara há muito do seu apogeu quando eu era miúdo. É espantoso pensar-se que estes sujeitos

ainda andam por aí, ainda estão vivos e, mais ainda, que andam a receber. Já não se faz gente como esta. Não, vá lá, sejamos rigorosos: somente agora, em 1981, é que fazem gente desta. Anteriormente não podiam — não tinham a tecnologia. Caramba, este velho espeto foi suturado e cerzido num laboratório cosmético dos mais avançados. O rendilhado fulgor da dentadura dele combina com o macabro esplendor do seu peitilho de folhos. As suas luzidias lentes de contacto ardem num verde tigrino. Veja-se só o bronzeado do fulano — parece um trabalho de pintura. Ele tem um ar formidável, positivamente sadio. A sua guedelha latina transpira vitaminas. As suas orelhas postiças são afiadas e succulentas. Quando eu ganhar todo o dinheiro que tenho de ganhar e partir para a Califórnia a fim daquele bem merecido transplante corporal que prometi a mim mesmo, hei de mencionar o nome aqui do velhote de olhos verdes e dizer aos médicos, quando me submeter a eles: *Olhem. É assim que eu quero. Deem-me um tal e qual como esse...* Mas agora este androide idoso começa a trazer uma fiada de fulanos ainda mais velhos, igualmente janotas e ofuscantemente metálicos, um coro de cabrões em *smoking* aos quais chama coisas como Sr. Música e Entretenimento em Pessoa. Espera aí. Ora eu *sei* que aquele ali já está morto há décadas. Agora que penso nisso, todo o programa tem o ar suspenso e a textura doentia do filme recuperado, aquele brilho de salão funerário — tolhido, transido e luzidio, como um cadáver. Mudei de canal e fiquei para ali sentado a esfregar a cara. O ecrã mostrava agora um campo esburacado cheio de carros mortos, os montões exauridos retumbavam ao som da tinite, uma nova necrópole dos antigos deuses americanos. Telefonei, e não obtive resposta em parte alguma.

O tempo passou até ser tempo de ir. Trepei para dentro do meu grande fato e escovei o cabelo para trás afastando-o da minha cara. Recebi mais um telefonema nessa tarde. Foi um telefonema curioso, um telefonema estranho. Contar-te-ei isso mais tarde. Um maluco qualquer. Nada que tenha grande importância.

Onde está Selina Street? Onde está ela? Ela sabe onde *eu* estou. O meu número está lá no alto da parede da cozinha. O que está ela a fazer? O que está ela a fazer por dinheiro? Um castigo, é o que isto é. Um castigo é o que eu estou para aqui a receber.

Só peço uma coisa. Sou compreensivo. Sou maduro. E não é pedir muito. Quero regressar a Londres, e localizá-la, e ficar a sós com a minha Selina — ou nem sequer a sós, raios partam, apenas perto dela, suficientemente perto para lhe cheirar a pele, para lhe ver a cintura de pontinhos dos olhos limonados,

a modelação dos seus artificiosos lábios. Só por alguns preciosos segundos. Só o tempo suficiente para lhe assestar um belo soco, em cheio. Não peço mais que isso.

Portanto agora tenho de ir à parte de cima da cidade para me encontrar com Fielding Goodney no Hotel Carraway — o Fielding, meu financeiro, meu contacto e meu compincha. Ele é o motivo pelo qual eu estou aqui, eu sou o motivo pelo qual ele está aqui também. Vamos ganhar imenso dinheiro juntos. Ganhar imenso dinheiro — não é assim tão difícil, sabes. Está sobrestimado. Ganhar imenso dinheiro não custa nada. Vê só.

Desci os degraus e cheguei à rua. Lá em cima, tudo era brilho de oceano: contra o céu de um azul liso, as nuvens haviam sido esboçadas por uma mão impressionantemente lesta e confiante. Que *talento*. Eu gosto do céu e muitas vezes penso onde estaria sem ele. Já sei: estaria em Inglaterra, onde não temos nenhum. Devido a algum acaso fisiológico — o veneno e a química corporal acertando um negócio na sua sala cheia de fumo — senti-me ótimo, senti-me bem. Manhattan ressoava no seu ozono primaveril, preparando-se para os lumes de julho e para o tumultuoso calor de agosto. «Vamos mas é andar a pé», pensei eu, e comeci a atravessar a cidade.

Na masculina Madison (estritamente abotoada, como um colete de bilhar) segui pela minha esquerda e encaminhei-me para norte rumo ao infinito alçapão de ar. Os carros e os táxis praguejavam sonoramente uns com os outros, à procura de sarilhos, prontos para a luta, para o confronto. E aqui estão as ruas e o seu bizarro pessoal. Aqui estão os artistas de rua. Na esquina da Cinquenta e Quatro, um grande fulano negro contorcia-se dentro do vidro e do aço de uma cabina telefónica. Estava a passar um péssimo bocado lá dentro, isso era nítido. Com frequência, enquanto eu me aproximava, ele dava palmas no quente metal exterior da cabina com a sua carnuda e pálida palma da mão. Estava a gritar — o quê, eu não sabia. Aposto que havia dinheiro envolvido. Há sempre dinheiro envolvido. Porventura drogas ou mulheres também. Nos túneis cablados por baixo da rua e nos abstratos caminhos aéreos do céu, quanta violência crepitava através de Nova Iorque? Como se nivelaria ela? Pobremente, é provável. Cada linha que ligasse dois amantes ficaria enrolada e emaranhada entre um cento de outras cujos únicos termos eram obscenidade e ameaça... Eu já bati em mulheres. Sim, eu sei, eu sei: não é nada fixe. O mais engraçado é que é difícil de fazer, num certo sentido. *Tu* já alguma vez fizeste isso? Raparigas, senhoras, já alguma vez deste uma palmada nalguma? É difícil. É um grande passo, particularmente na primeira vez. Depois dessa, porém,

vai-se tornando cada vez mais fácil. Ao fim de algum tempo, bater em mulheres é como rebolar de um tronco abaixo. Mas suponho que seja melhor eu parar. Suponho que deva deixar-me disso, um dia destes... Enquanto eu passava por ele, o negro encaixou violentamente o auscultador no seu suporte e precipitou-se na minha direção. Depois a cabeça dele descaiu e ele deu mais uma palmada no metal, mas agora debilmente. O tempo e a temperatura reluziam lá em cima.

Fielding Goodney já estava à espera no Salão Dimmesdale quando eu entrei deambulando pelo Carraway um pouco depois das seis. Ereto entre as desalinhadas cadeiras altas, ele estava de costas voltadas para mim nas profundezas daquela gruta de vidro, dois dedos frouxos erguidos num gesto de aviso ou de estipulação. Vi-lhe o rosto falante, descorado até ao aço pelo espelho fosco. Um empregado de bar com a testa inclinada escutava com ar sério as ordens dele.

— Lave só o gelo com isso — ouvi-o dizer. — Nenhum dentro do copo, está bem? Lave-o só.

Virou-se, e eu senti o afluxo da saúde e da cor dele — o seu tom corporal californiano, de manteiga de amendoim.

— Olá, Manhoso — disse-me, e estendeu-me a sua mão. — Quando é que chegaste?

— Nem sei. Ontem.

Ele lançou-me um olhar crítico. — Tu voas em económica?

— Como calha.

— Gasta mais dinheiro, Manhoso. Voa lá na ponta, ou no supersónico. A económica dá cabo de ti. É uma falsa economia. Nat? Serve aqui ao meu amigo um *rain king*. E lava só esse gelo. Descontra-te, Manhoso, estás com ótimo aspeto. Tenho ou não tenho razão, Nat?

— É isso mesmo, senhor Goodney.

Fielding recostou-se contra a rica madeira, o peso dele satisfatoriamente disposto em dois cotovelos e numa longa perna ianque. Fitou-me com os seus olhos embaraçadores, um azul de flor de milho supersincero, do género que se tornou moda com a primeira vaga de estrelas do cinema americano em técnico-lor. O seu espesso cabelo não escadeado estava atirado da alta testa de truão para trás. Ele sorria... Falando enquanto inglês, um dos prós de Nova Iorque é que ela nos faz sentir surpreendentemente bem-educados e de classe alta. Quero dizer, uma pessoa tem de sentir-se algo inteligente e de sangue azul, algo requintada, quando passa a pé pela Rua Quarenta e Dois ou pela Union Square, ou mesmo pela Sexta Avenida — ao meio-dia, os homens dos escritórios,

com seus rostos de lancheira e olhos ociosos. Não tenho essa sensação com Fielding. Não tenho de todo essa sensação.

— E que idade tens? — perguntei-lhe.

— Vou fazer vinte e seis em janeiro.

— Caramba.

— Não fiques assustado por isso, John. Aí está a tua bebida.

Franzindo a testa, Nat empurrou expectantemente o copo na minha direção. O líquido parecia tão pesado como mercúrio.

— O que é que tem lá dentro?

— Nada a não ser céus estivais, Manhoso... Ainda não estás na hora certa, pois não? — ele pousou-me uma mão quente e morena no ombro. — Vamos sentar-nos. Nat: continua a trazê-los.

Segui-o até à mesa, amparado por aquele toque humano. Fielding ajustou os punhos da camisa e disse: — Alguma ideia acerca da esposa?

— Acabei de falar com a Caduta Massi.

— A sério? Foi ela própria que te telefonou?

Encolhi os ombros e respondi: — Sim, hoje à tarde.

— Portanto ela está ávida. Adoro isso. Que disse ela?

— Disse que queria ter muito mais filhos.

— Hã?

— No filme. Ela quer ter um rancho de filhos.

— Faz sentido — disse Fielding. — Diz-se por aí que ela fez uma operação. Quando já tinha vinte e muitos anos. Era uma católica devota, e também uma grande foda. Sabes como é... nunca mais fez abortos.

— Olha lá — disse-lhe. — Eu não sei, Fielding. Ela é um bocado velha para nós, não é?

— Viste *A Estranha Irmã*?

— Vi. Era terrível.

— Pois, o filme não prestava para nada, mas a Caduta estava ótima.

— É mesmo isso. Ela tinha o ar de uma estrela de cinema mimada. Não é isso que eu quero. Quero uma daquelas... — Eu queria uma daquelas atrizes como antigamente, daquelas que têm o ar de umas donas de casa medianas e gastas. Os críticos sempre disseram que essas atrizes tinham um aspeto *sedutor e real*. Não acho que parecessem sedutoras mas achei que pareciam reais. Pelo menos foi esse o meu instinto, e o meu instinto era tudo o que eu tinha para prosseguir. — Quem mais há por aí? Que tal a Happy Jonson?

— Não pode ser. Ela está no Hermitage.

— O que aconteceu?

— Depressão, profunda, praticamente catatónica. Aquela rapariga é mesmo de lamentar, Manhoso.

— Está bem, e que tal a Sunny Wand?

— Mesma coisa. Na quinta dos gordos. Cento e dez quilos.

— Ena... Pronto, a Day Lightbowne.

— Esquece. Ela havia acabado de sair de dois anos de análise. A seguir foi violada num encontro normal em Bridgehampton com o terapeuta que ela tinha aos fins de semana.

— Violada num encontro, anormal, hã? Que género de coisa é essa? O quê, é com bananas e coisas assim?

— Num encontro *normal*, Manhoso. Eles encontraram-se para irem sair juntos, sabes como é? Lembras-te? De facto, é uma distinção interessante. Numa violação normal, o desejo não desempenha qualquer papel. Tem somente a ver com poder, autoafirmação, violência... normalmente esses desgraçados nem sequer conseguem fazer nada. Mas numa violação durante um encontro, o desejo está lá. — Calou-se, e depois prosseguiu com vivacidade: — De qualquer modo a Day Lightbowne foi fodida até às últimas pelo psiquiatra dela e está completamente fora de combate. Eu voto pela Caduta, Manhoso. Ela é perfeita para nós. Pensa nisso. Pensa só nisso. Falaste com o Lorne?

— Sim.

— Este é um período muito difícil para o Lorne.

— Deves estar a brincar comigo, foda-se.

— A carreira dele está virada do avesso e acabou de sofrer uma intervenção dentária que custou oitenta mil. Ele agora anda por baixo.

— Por baixo? Como é ele quando anda por cima? Estive duas horas ao telefone com ele. Olha, Fielding, ele vai torrar-me. Não vou ser capaz de lidar com ele.

— Mantém uma calma gélida, Manhoso. A verdade é que o Lorne Guyland fará qualquer coisa para entrar neste filme. Viste *A Sanção Ciborgue*?

— Não.

— O *Pookie Segue a Trilha*? O *Dynamite Dick*?

— Claro que não.

— Ele agora faz qualquer coisa. Ópera espacial, filmes de estrada, coisas de velhos e bons rapazes, especiais para a TV. O agente dele ata-o ao cavalo e lá vai ele por ali fora. Este é o primeiro papel a sério que vai ter com ele desde há uns quatro ou cinco anos. Está doído por isso.

— Então porque o queremos nós?

— Confia em mim, Manhoso. Se o Guyland entrar, isso torna mais respeitável o pacote inteiro. O que interessa é que nunca nenhum filme com o Lorne Guyland perdeu dinheiro. Faz aumentar as vendas para televisão, cabo e vídeo em cinquenta por cento, o que significa que limpamos tudo em Taiwan e Guadalupe. Tenho um grupo de velhos peidos com quinhentos mil debaixo da cama. Não vão sacá-lo de lá pelo Christopher Meadowbrook ou pelo Spunk Davis ou pela Butch Beausoleil. Nunca ouviram falar deles. Mas hão de sacá-lo de lá pelo Guyland. O Lorne é o nosso homem, Manhoso. Convence-te disso.

— É um maníaco. Como é que eu lido com ele?

— Faz assim. Dizes-lhe que vais fazer tudo o que ele quiser, e depois quando chegar a altura não fazes nada disso. Se ele amalucar, filmas a cena e depois desfazes-te dessa sessão. A montagem final será tua, Manhoso. Isso juro.

Bom, aquilo fazia bastante sentido para mim. Disse-lhe:

— Como é o dinheiro?

— O dinheiro — respondeu Fielding —, o dinheiro é belo. Alguma vez fazes exercício, Manhoso?

— O quê? Sim.

— De que género?

— Oh, sabes como é. Às vezes nado. Jogo ténis.

— Não me digas. — Ele pediu a conta. Procurei as notas amarrotadas que trazia no bolso das minhas calças. Com uma forte mão esquerda Fielding tirou-me o pulso. Quando me pus em pé vi-o tirar uma de cinquenta, uma entre muitas, da sua cintilante mola.

Fielding tinha o carro à espera lá fora — uma *Autocrat* de seis portas, com meio quarteirão de comprimento, que incluía o *chauffeur* devidamente fardado e o guarda-costas negro equipado com *shotgun*. Levou-me até um velho restaurante de bifes para gângsteres nos Heights. Foi brilhante. Falámos de dinheiro. Parecia tudo fixe com o núcleo de investidores do Fielding. «Foda-se», pensei eu: na pior das hipóteses, o pai dele acaba por pagar aquilo tudo.» O pai do Fielding chama-se Beryl Goodney e é dono de metade da Virgínia. Talvez a mãe dele se chame Beryl também, e seja dona da outra metade. O Fielding nunca fala da sua própria massa, mas eu ainda estou para encontrar um *tenho* mais espetacular: ele já tem imenso e quer muito mais... — Em termos gerais, Manhoso, o que é que tu sabes acerca do dinheiro? — Respondi-lhe: — Muito pouco. — Deixa-me falar-te disso — começou ele. E foi por ali fora, a voz dele

cheia de apaixonada perícia, com muitos paralelos e precedentes, banca italiana, preferência de liquidez, falácia da composição, hiperinflação, síndrome da confiança no negócio, prosperidades repentinas e pânico, corporações norte-americanas, a sobriedade da arquitetura financeira, a bancarrota de 29, os suicídios na La Salle e na Wall Street... E eu dei por mim a pensar se o Alec vira aquela única flor murcha no frasco de compota ao lado da cama da Selina, ou a ouvira mijar e cantarolar na casa de banho silenciosa, as cuecas pretas como se fossem um fio a unir-lhe as barrigas das pernas. Parece haver qualquer coisa a respeito das namoradas e dos melhores amigos. Eu também gosto sempre das melhores amigas delas, agora que penso nisso. Gosto certamente da Debby e da Mandy, e daquela Helle da boutique com quem a Selina se dá muito bem. Talvez se goste das melhores amigas da namorada por a nossa namorada e as amigas terem muito em comum. São muito parecidas, exceto num aspeto particular. Não se vai para a cama com as melhores amigas o tempo todo. Na cama ela pode dar-te uma coisa que a tua rapariga não pode dar-te: uma mudança da tua rapariga. Nem mesmo a Selina te pode dar isso. *Andará* o Alec a fodê-la? Bom, o que é que achas? Andará ela a fazer-lhe todos aqueles favores simpáticos? Poderá muito bem ser, não? A minha teoria é esta. Eu não acho que ela ande. Não acho que Selina Street *ande* a foder o Alec Llewellyn. Porquê? Porque ele não tem dinheiro nenhum. Eu tenho. Vá lá, porque é que julgas que a Selina pôs tudo aquilo ao meu serviço? Por causa da minha pança, da minha péssima guedelha, da minha personalidade? Ela não anda nisto por causa da saúde dela, não é verdade?... Digo-te uma coisa, estas reflexões realmente animaram-me. Uma pessoa sabe onde está com as necessidades económicas. Quando eu ganhar todo este dinheiro que vou ganhar, a minha posição será ainda mais forte. Poderei então dar um chuto na Selina e arranjar alguém ainda melhor.

Fielding assinou o cheque. Eu assinei alguns contratos, dirigindo mais e mais dinheiro para o meu lado.

Ele deixou-me na Broadway. Onze da noite. O que pode um homem crescendo sozinho à noite em Manhattan, a não ser ir à procura de sarilhos ou de pornografia?

Por mim, passei umas edificantes quatro horas na Rua Quarenta e Dois, dividindo o meu tempo entre um salão de jogos espaciais e o bar de bailarinas na cave da porta ao lado. No salão, os fantasmas proletários da noite de Nova Iorque, aqueles adoradores das trevas, com seus rostos aterrorizados refletidos

nos ecrãs, ficam em pé debruçados sobre os seus controlos. Parecem formas humanas de toupeiras e morcegos mutantes, presos ao radar, às lutas e às exclamações destes robôs novos e atarracados que jogam contigo se lhes deres dinheiro. Também falam, por um certo preço. *Launch Mission, Circuit Completed, Firestorm, Flashpoint, Timewarp, Crackup, Blackout!* Os miúdos, vagabundos e solitários que por aqui estão, são os espíritos da mina da nova era. Os avós deles devem ter trabalhado nos subterrâneos. Sei que os meus trabalharam. No bar das dançarinas os homens e as mulheres estão eternamente colocados uns contra os outros, separados por uma muralha de bebida, um fosso de veneno, ao longo do qual se passeiam as governantas doidas e os seguranças maus.

Pelas onze e meia ou perto disso a velha empregada do bar disse-me:

— Está a ver? Ela está a falar consigo, a Cheryl está a falar consigo. Quer pagar uma bebida à Cheryl?

Paguei os dez e nem disse nada. A velha empregada do bar dentro do seu preservativo castanho poderia ter sido a mana da noite passada. A minha vida é isso: repetição, repetição. É verdade, as miúdas na rampa ofereciam alguma variedade. Nenhuma delas usava cuecas sequer. Ao princípio assumi que lhes pagassem bastante mais por isso. Olhando para o estado do sítio, porém, e para o estado das miúdas, concluí que lhes pagavam bastante menos.

Duas horas depois andava a dar um giro pela Times Square, à procura de estragos. E até encontrei alguns. Uma prostituta muito nova aproximou-se de mim. Apanhámos um táxi e andámos nele ao longo de trinta quarteirões, para a Baixa, para ocidente, para os lados de Chelsea. Só olhei para ela uma vez dentro do escoiceante carro. Ela era escura, com lábios cor de sangue e cabelo espanhol demasiado emaranhado para brilhar. Consolei-me com o pensamento de que, a par de um frasco de *Je Rêve*, de um maço de *Executive Lights* e de um murro nas mamas, eu estaria a levar à Selina toda uma panóplia de doenças venéreas — Herpes I, Herpes II, Herpes: o Filme. Consigo lembrar-me do rudimentar vestíbulo de uma qualquer pensão barata e próspera. Paguei o quarto, logo à chegada. Ela conduziu-me até lá. A quantia de quarenta dólares foi mencionada por ela e aprovada por mim. Ela começou a despir-se e eu fiz o mesmo. Depois parei. «... Mas tu estás grávida», lembro-me eu de dizer com uma surpresa infantil, indefinida. «Não faz mal», disse ela. Pus-me a olhar para aquela forte e luzidia barriga. Espera-se que ela seja muito macia mas parece muito forte. «Faz mal, faz», disse-lhe. Fi-la vestir-se e sentar-se na cama. Peguei-lhe na mão e fiquei a ouvir-me dizer bacoradas durante uma hora e meia. Ela acenou muito com a cabeça. Eu já lhe tinha pago o dinheiro. Ela

até ouviu parte daquilo: era um trabalho fácil, realmente. Perto do final pensei que até poderia tentar sacar-lhe uma punheta. Ela ter-se-ia prestado a isso prontamente, sem dúvida. Ela era como eu, a minha pessoa. Ela sabia que não devia fazê-lo, sabia que não devia continuar a fazê-lo. Mas apesar disso continuava a fazê-lo. Por mim, nem sequer conseguia deitar as culpas ao dinheiro. Que estado é este, ver a diferença entre o bem e o mal, e escolher o mal — ou consentir no mal, aprovar o mal?

Não aconteceu nada. Dei-lhe mais dez para a viagem de carro. Ela foi-se embora para ir procurar mais homens e dinheiro. Eu voltei ao hotel e deitei-me completamente vestido, e retirei-me para o sono pela segunda noite seguida nesta cidade em que as fechaduras e os interruptores funcionam todos do lado errado, e onde as sirenas dizem «tu» e «*whoop!*» e «*ow, ow, ow*».

A minha cabeça é uma cidade e diversas dores assumiram agora residência em diversas partes da minha cara. Uma dor de gengiva-e-osso lançou uma cooperativa no meu lado ocidental superior. Do outro lado do Parque, uma neuralgia alugou um *duplex* no meu bairro mais elegante. Na Baixa, o meu queixo palpita com *lofts* de falhas na maxila. Quanto ao meu cérebro, às minhas ruas Cem, para aqueles lados aquilo é o Harlem, expandindo-se nos lumes estivais. Ferve e incha. Um dia destes há de rebentar.

A memória é uma coisa engraçada, não é. Não concordas? Eu também não concordo. A memória nunca me divertiu muito e os truques dela parecem-me cada vez mais fatigantes à medida que vou ficando mais velho. Talvez a memória permaneça simplesmente a mesma mas tenha menos trabalho para fazer à medida que os dias vão passando. A minha memória está em boa forma, julgo eu. Só que a minha vida está sempre a tornar-se menos memorável. Consegues lembrar-te de onde é que deixaste aquelas chaves? Porque deverias lembrar-te? Deitado na banheira numa tarde vagarosa, consegues lembrar-te se já lavaste os dedos dos pés? (Dar uma mijadela é aborrecido, não é, após os primeiros milhares de vezes? Bolas, não é *isso* uma chatice?) Eu já nem consigo lembrar-me de metade das coisas que faço. Mas também não é uma coisa que queira muito.

Acordando agora ao meio-dia, por exemplo, tenho uma forte sensação de que falei com Selina durante a noite. Seria mesmo coisa dela vir assombrar-me durante as horas negras, quando eu estou fraco e assustado. A Selina sabe algo que toda a gente deveria saber já. Ela sabe que é fácil assustar e assombrar as pessoas. As pessoas são fáceis de aterrorizar. Até eu, e sou mais valente do que

a maioria. Ou mais bêbedo, em todo o caso. Ontem à noite andei à porrada. Vejamos as coisas da seguinte maneira: sou um rapaz adorável quando estou a dormir. Aquilo começou no bar e acabou na rua. Fui eu que comecei a luta. Também a acabei, felizmente — mas à justa. O tipo era muito melhor a lutar do que parecia... Não, Selina não telefonou, isso não aconteceu. Eu lembrar-me-ia. Tenho este problema de coração e em todo o caso está sempre a doer-me, mas esta é uma dor nova, um novo aperto mesmo no músculo. Eu não sabia que a Selina tinha um tal poder de dor sobre mim. É aquela sensação de se estar indefeso, longe de casa. Já ouvi dizer que a ausência faz o coração afeiçoar-se mais. É verdade, julgo eu. Tenho certamente saudades de ser promíscuo. Estou sempre a tentar lembrar-me das minhas últimas palavras para ela, ou dela para mim, na noite anterior à minha partida. Não podem ter sido assim tão interessantes, tão memoráveis. E quando acordei no dia seguinte para me preparar para a viagem, ela tinha-se ido embora.

Meio-dia e quinze, e chegou o Felix, carregando um ou dois coquetéis no seu tabuleiro erguido à altura do ombro. Assim como assim, eu já bebo café a mais.

— Obrigado, pá — disse-lhe eu, e passei-lhe uma de dez.

Ah pois, e já que estou a lembrar-me — ainda não te pus ao corrente daquele meu telefonema misterioso, pois não? Ou já pus? Ah, pois foi, já te contei tudo isso. Pois foi. Um tarado qualquer. Nada de importante... Espera aí, estou a mentir. Eu *não* te pus ao corrente disso. Ou então lembrar-me-ia.

Ontem à tarde. Estava então a fazer o que estou a fazer agora. É uma das minhas atividades favoritas — até lhe podes chamar um passatempo. Estava deitado na cama a beber coquetéis e a ver televisão, tudo ao mesmo tempo... A televisão está a cretinizar-me — eu sinto isso. Não tarda nada que eu fique parecido com os artistas da TV. Tu sabes a quem me refiro. Raparigas que se modelam subliminarmente pelas apresentadoras de programas infantis, cheias de imperfeita melodia e alegria, Melodia e Alegria. Homens cujos modos exibem interferências de apresentadores de noticiários, manchas de telenovela, borrões de filmes. Ou os cretinizados, aqueles que falam nos autocarros e nas ruas como se a televisão fosse real, que telefonam para as estações televisivas com perguntas estranhas, exigências estranhas... Se perderes a cabeleira, podes arranjar uma falsa. Se perderes o riso, podes arranjar um falso. Se perderes o juízo, podes arranjar um falso.

O telefone tocou.

— Sim?

Houve silêncio — não, não era silêncio mas um débil assobio ressequido, lúgubre e remoto, como o som que vive dentro da minha cabeça. Talvez fosse o som que o Atlântico fazia com toda a sua massa e espaço.

— Estou? Selina? Diz qualquer coisa, por amor de Deus. Quem é que está a pagar esta chamada?

— Dinheiro — disse uma voz de homem. — Sempre dinheiro, o dinheiro.

— Alec. Quem fala?

— Não é a Salina, homem. Eu não sou a Selina.

Aguardei.

— Oh, eu não sou de todo alguém muito especial. Sou apenas o tipo a quem tu fodeste a vida. Sou apenas isso.

— Quem é você? Eu não o conheço.

— O homem diz que não me conhece. A quantos tipos é que tu fodeste a vida recentemente? Se calhar devias ir fazendo uma lista.

De onde vinha isto? A telefonista do hotel saberia? *Teria* eu fodido a vida a alguém recentemente? Não é que conseguisse *lembrar-me...*

— Vá lá — disse eu —, quem é que precisa disto? Vou desligar.

— ESPERA! — exclamou, e eu pensei logo, com alívio: «Oh, ele é *doido*. Por isso na verdade não há nenhum problema. A culpa não é minha. Está tudo ótimo, ótimo.»

— Está bem. Diga lá o que tem a dizer.

— Bem-vindo a Nova Iorque — começou ele. — Voo seis, seis, seis, quarto um, zero, um. Obrigado por voar na Trans-American. Não implique com os taxistas, não lute com os bêbedos. Não ande a pé pela Rua Noventa e Nove. Não vá a bares de *topless*. Quer pagar uma bebida à Dawn. Mantenha-se longe daquelas lojas de pornografia a que tem andado a deitar o olho. Isso vai dar-lhe cabo da cabeça. Mantenha-se bêbedo para quando nos encontrarmos. E devolva-me o meu dinheiro, foda-se.

— ... Espere. Ouça. Como é que se chama?

A linha emudeceu. Pousei o auscultador e tornei a levantá-lo.

— Foi uma chamada local, caro senhor — disse-me a rapariga. — Está tudo bem consigo?

— Sim — disse-lhe eu. — Obrigado. Está tudo ótimo, ótimo.

«Ena», pensei eu, «esta é uma ideia nova. Fora uma chamada local, sem dúvida. Fora deveras muito local.»

Duas e quarenta, e eu andava pela Broadway, rumando a norte. Ora, a que ponto julgas tu que eu me sinto mal?... Bom, enganas-te. Fico tocado pela tua

simpatia (e quero muito, muito disso: quero simpatia, embora ache muito difícil comportar-me de forma simpática). Mas estás enganado, mano. Mana, ti-veste um deslize. Eu não me sentia lá muito bem hoje de manhã, é verdade. Por outro lado, uma visita de noventa minutos ao Pepper's Burger World, depressa resolveu tudo isso. Aviei quatro «Wallies», três «Blastfurters», e um «American Way», além de uma embalagem de nove cervejas. Estarei porventura um pouco cheio e sonolento, mas fora isso estou pronto para qualquer coisa.

Pus-me a pensar, enquanto ia arrotando pela Broadway acima, pus-me a pensar como é que esta cidade foi montada. Um fulano qualquer andava certamente a sonhar em grande. Começando lá em baixo na Wall Street e abrindo caminho sempre para cima até às ruínas do antigo West Side, a Broadway serpenteia pela ilha, a única curva neste mundo de grelhas. De certa maneira a Broadway consegue ser sempre um bocadinho mais merdosa do que as zonas através das quais ela se curva. Veja-se a East Village: a Broadway é mais merdosa do que isso. Veja-se a zona alta da cidade, veja-se Columbus: a Broadway é mais merdosa. A Broadway é a pitão que muda de pele na rígida Nova Iorque. Por vezes também eu me sinto um pouco assim. Aqui os doidos pendem para o tempo de Manhattan.

Ora mas o que é isto de eu ir jogar ténis com o Fielding Goodney? *Tu* lembra-te de eu ter feito uma combinação tão ridícula? Recorda-mo. Hoje de manhã, enquanto eu estava sentado a soluçar por cima do meu primeiro cigarro, Fielding telefonou e disse-me: — Pronto, Manhoso. Já marquei o campo. Vamos a isso.»

Bom, é claro que fiquei calado, e tomei nota desinteressadamente do endereço que ele me deu. Por acaso trago comigo um velho par de sapatos de desporto e uma espécie de camisola. O Fielding vai fornecer os calções. Quanto ao ténis, pensei cá para mim — sim, eu consigo jogar isso. Ainda há uns quatro ou cinco verões me podias ter visto por lá, a saltitar pelo campo. Desde então não voltei a jogar, mas assisti a imenso ténis na televisão.

Transportando as minhas coisas num saco de plástico do *duty-free*, segui a inclinada Broadway para além dos meandros e redondéis na esquina do Parque e até ao West Side com os seus lotes vagos e entradas de rampas para automóveis. As ruas numeradas foram desfilando vagarosamente. Eu estava sempre à espera de ver um complexo desportivo ou um ginásio, ou uma daquelas sombrias praças verdes que nos surpreendem nas ruas de Londres. «Fizeste asneira outra vez», pensei eu, quando cheguei ao edifício que Fielding indicara. Era um arranha-céus, cuja linhas vítreas trepavam como uma tira de película em direção ao azul aberto. Em todo o caso entrei e inquiri o velhote.

— Décimo quinto — disse ele.

Fielding estava a brincar a quê? Apanhei o elevador, que me embarrilou por ali acima através dos andares vazios marcados com um X. No corredor passei por um rosto familiar — o do Chip Fournaki, um profissional moreno que normalmente perdia com maus modos nas meias-finais das grandes competições. Alguns segundos depois passei pelo Nick Karebenkian, parceiro do Chip nos jogos de pares.

A porta zumbiu e eu entrei para o verde garrido de uma antessala equatorial. Sobre o tapete de relva artificial estava Fielding Goodney, bebendo sumo de laranja autêntico por um copo alto. A pele dele tinha o bronzeado perene, que realçava o tom leitoso sobre os seus membros e os afiados vincos dos seus prístinos calções e camisa, o volumoso branqueado do seu calçado de alta tecnologia.

— Olá, Manhoso — disse-me ele, e virou-se para a parede de vidro. Juntei-me a ele. Como se estivéssemos sobre a ponte de um navio, baixámos os olhos para o campo. Era televisão: dois jogadores de topo batendo a bola um para o outro, todos cheios de roncões e de corridas. Na ponta mais distante do convés havia uma outra janela. Por detrás do ecrã escuro estavam sentadas vinte ou trinta pessoas. O campo de jogo propriamente dito deveria ter uns três andares de profundidade. Cem dólares por hora? Duzentos? Trezentos?

— Quem são aqueles lá ao fundo? — perguntei eu.

— É gente que vem cá só para assistir. Estás a ver aquele miúdo lá em baixo? O Jo'burg vindo do Texas. Décimo primeiro no computador. Anda a ser investigado pela Associação Profissional de Ténis. Recebe dinheiro garantido para aparecer nos campeonatos secundários. Subornos. É ilegal, mas praticamente todos os trinta jogadores principais ganham a triplicar. Daqui a uns anos há de haver uma bela tempestade de merda. Deviam legalizar isso, e depressa. Eu sou um capitalista, Manhoso. Sou um *bom* capitalista. É a oferta e a procura. Porquê combater isso? Toma lá os teus calções.

Apontou para a porta.

— Oh, senhor Goodney — ouvi eu a dama de vestido branco cantarolar. — Vai acabar à hora, não é. A Sissy Skolimovsky chega às quatro, e o senhor já sabe como ela é.

Eu também sabia como era a Sissy Skolimovsky. Era a campeã mundial.

Fui portanto enfiar o meu equipamento na porta ao lado. Camisola em vermelho *hippie*, com alças, à baterista, os horrendos calções do Fielding (não

eram de todo calções de ténis, raios partam: eram umas bermudas justíssimas, com axadrezado à golfista), peúgas pretas, os meus sapatos estalados e ressequidos... Normalmente, como julgo já ter dito, Nova Iorque é umas férias da minha vergonha social das-nove-às-cinco. Mas senti então uma má premonição — intensa, adolescente. Fui em bicos de pés até ao sanitário. Os sapatos apertavam-me que era uma loucura: os meus pés ainda deviam estar num outro horário, numa outra dimensão. Corri o fecho dos calções e fiz o que tinha a fazer. O mijo pareceu horrivelmente pálido contra as bolas de naftalina ensopadas em vitamina B que estava no urinol curvo. Virei-me. Havia um espelho. Oh, esquece lá isso. Em todo o caso não te vão deixar jogar.

Mas deixaram. A tal dama lançou-me um olhar assustado — com a terrina da minha pança, sem dúvida, e com a tomatada esmagada dentro das bermudas de xadrez largo — mas deu-me a minha raqueta e abriu a porta. Desci os degraus e fui até ao convés. Fielding já tinha galopado avidamente até à ponta mais distante, empunhando numa mão a sua pá de aço do tamanho da porta de um celeiro e uma dúzia de bolas de ténis amarelas na outra.

— Queres dar umas batidas durante um bocado? — gritou ele, e a primeira das bolas já vinha a queimar o ar em direção a mim.

Eu deveria ter percebido que quando os ingleses dizem que sabem jogar ténis não exprimem com isso aquilo que os americanos exprimem quando dizem que sabem jogar ténis. Os americanos exprimem que sabem jogar ténis. Mesmo no meu apogeu eu nunca fui mais do que um jogador de parque em qualquer clima. Uma certa astúcia do contrapé permitiu-me por vezes ir desviando e rematando até conseguir vencer jogadores mais talentosos. Mas basicamente sou um cão no campo de jogo. Fielding era bom. Oh, ele era bom. E havia diferenças de saúde, de tonicidade muscular e de coordenação que tinham de ser levadas em conta. O Fielding, bronzeado, afinado, tendo-lhe passado pela boca um resgate régio em ortodontia, criado com bifés e leite adoçado a ferro e zinco, aos vinte e cinco anos, a debruçar-se para as suas batidas e a transmitir grande efeito com uma rotação do pulso. Eu, arrastava-me e saltava pela minha vida na outra ponta, cem quilos de genes de vândalo, pinga, paivantes e comida rápida, dez anos mais velho, calcinado e sufocado pelo combustível pesado, sem mais para oferecer do que a minha parada de resposta e a minha pancada oblíqua. Levantei os olhos para a janela de vidro por cima da cabeça do Fielding. A administração intermédia de Manhattan estava a olhar, com uns rostos tão finos como cartões de crédito.